

MASCULINIDADE FEMININA: EXPERIÊNCIAS DE VISIBILIDADE LESBIANA

Keith Daiani da Silva Braga¹; Arilda Ines Miranda Ribeiro²; Marcio Rodrigo do Vale Caetano³

Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista (UNESP)

EDI 09- Estudo da (s) Masculinidade (s)
keith_daiani@hotmail.com

Resumo:

Os estudos sobre masculinidades raramente debatem sua presença em corpos de mulheres. Todavia, não cremos que os homens tenham uma ligação prévia, dada, “essencial” com a masculinidade; mas sim que ela se trata um atributo reivindicado e performatizado também por mulheres, ao longo da história. As experiências lesbianas são o lócus privilegiado para uma gama de expressões e identificações masculinas e, se a temática não é tão estudada é devido o rechaço patriarcal direcionado àquelas que são lidas como “imitações” de homens. Destarte, nossa proposta, é trabalhar o tema a partir de narrativas de vida de mulheres lésbicas participantes do estudo de doutorado, no campo da educação, “Lesbianidades, performatizações de gênero e trajetória educacional”.

Palavras-chave: Masculinidade feminina, lesbianidades, visibilidade, hipervisibilidade e experiências de vida.

Introdução

Nosso texto tem por objetivo debater a questão da masculinidade feminina em corpos lesbianos como modo de tornar a dissidência sexual feminina visível. Para alcançá-lo, apresentaremos alguns resultados presentes na pesquisa de doutoramento denominada “Lesbianidades, performatizações de gênero e trajetória educacional” realizada na área da educação. A investigação se ancora em teorizações de autoras e autores alinhadas aos feminismos e metodologicamente, os dados foram produzidos por meio de entrevistas abertas.

Trabalharemos com o conceito de masculinidade feminina proposto por Jack Halberstam (2008) em sua obra “Masculinidade Feminina” para argumentar que nem todas as lésbicas vivem em presumidos contextos de ocultação, ao contrário, com a masculinidade em seus corpos, podem se encontrar na primeira linha da visibilidade (PLATERO, 2009).

¹ Mestra e doutoranda da FCT/Unesp. Contato: keith_daiani@hotmail.com

² Professora Titular do Programa de Pós-Graduação em Educação da FCT/Unesp. Contato: arilda@fct.unesp.br

³ Professor Doutor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande- FURG. Contato: mrvcaetano@gmail.com

O conceito de masculinidade feminina

Halberstam (2008) chamou de masculinidade feminina, as masculinidades sem homens, alternativas à hegemônica, produzidas no corpo das mulheres. O trânsito de gênero que permite a performance masculina, não é entendido, nessa perspectiva, como exclusividade de transhomens, FTM's (female to male) e transgêneros. Lésbicas e mulheres heterossexuais também podem se constituir em desacordo com os códigos e expectativas de feminilidade sem necessariamente desejarem mudar de sexo ou terem uma sensação profunda de pertencimento a um gênero distinto do assignado no nascimento.

O autor pensa numa masculinidade vivida por mulheres, porque em sua visão o gênero não só não se justifica pela biologia, mas também não a tem como base. Ainda que muitas teorizações feministas tenham postulado que o gênero trata-se de uma construção social, ou seja, algo relacionado ao comportamento humano formado socialmente pela cultura (gostos, vestimentas, modo de ser) e não ao corpo, aos órgãos sexuais, a dimensão biológica não foi desconstruída completamente; quando dizemos que o caráter não emana da biologia estamos nos opondo ao determinismo biológico, contudo, enquanto a biologia for concebida, por nós, como o lugar da formação do caráter, a dimensão biológica, ainda é contraditoriamente invocada (NICHOLSON, 2000). Linda Nicholson (2000) chamou de fundacionalismo biológico: a crença de que o sexo não determina o comportamento, mas tem um papel bastante importante, o de prover o lugar onde o gênero será construído, o sexo é convertido em base material para a significação cultural do gênero.

Desconstruir o fundacionalismo biológico, para Nicholson (2000), bem como para Butler (2003) implica em entender que o gênero não apenas diz respeito a personalidade e o comportamento, mas principalmente, ao modo como o corpo é percebido. Não deveríamos nesse sentido, considerar o gênero enquanto inscrição cultural de um sexo autônomo (FOUCAULT, 1985). O gênero precisaria ser compreendido como o meio discursivo e cultural através do qual o sexo é tanto produzido quanto afirmado como pré-discursivo (BUTLER, 2003).

É nessa mesma linha que Halberstam (2008) aposta ao refutar que a masculinidade tenha uma ligação prévia, dada, com os homens. A masculinidade foi e ainda é um atributo reivindicado e performatizado tanto por homens quanto mulheres, ao longo da história. Todavia, a ligação entre mulheres e masculinidades tem sido bastante ocultada, em comparação com a relação homens e feminilidades (MEINERZ, 2011). A temática não é investigada academicamente, em partes, por conta do rechaço patriarcal direcionado àquelas que são percebidas como “imitação” de homens, e

também devido ao debate sobre masculinidades ainda ser, de modo geral, desenvolvido por pesquisadores homens e suas visões do tema (HALBERSTAM, 2008).

A lesbianidade se entrelaça com as masculinidades femininas, porque as mulheres também podem se emaranhar nos jogos de poder masculino, por privilégio, liberdade, apreciação e por outras mulheres, sem que isso signifique reproduzir a dominação masculina ao ocupar o lugar socialmente atribuído ao homem (MEINERZ, 2011). No entanto, acreditamos com Halberstam (2008) que mesmo a masculinidade sendo passível de ser vivida por mulheres heterossexuais, é efetivamente quando se intersecciona com o desejo lesbiano que se torna bastante ameaçadora e potente, já que as experiências lesbianas são o lócus privilegiado para uma gama de expressões e identificações masculinas, enquanto a heterossexualidade segue com seus limites e graus preestabelecidos para que ela possa acontecer (PLATERO, 2009, MEINERZ, 2011).

A masculinidade feminina está atrelada à hipervisibilidade lesbiana, porque como nos explica Alison Eves (2004), a partir das elaborações de Nestle (1992), historicamente as lésbicas masculinas, *butchs* nos termos norte-americano e europeu, tem sido a representação visível do desejo lesbianos. Em síntese, falamos de sujeitos cujos corpos carregam consigo uma estilística que os “[...] situam en la primera línea de la hipervisibilidad⁴” (PLATERO, 2009, p.02).

As lésbicas que todo mundo conhece

Podemos confirmar essa visibilidade extrema nas narrativas das participantes⁵ de nossa investigação, quando rememoram mulheres lésbicas conhecidas de suas cidades, que apesar de muito pequenas, não conseguiam preservar o silêncio diante das moradoras “sapatonas”, “caminhoneiras”, por suas transgressões de gênero:

A família Lourenço na época era uma das famílias mais ricas da [cidade], então era uma família popular muito conhecida e eles moravam [...] muito no centro, era dois quarteirões da Igreja, enfim... a família era muito rica e a família Lourenço sempre teve amizade coma família do meu pai, minhas tias já trabalharam pra mãe dela, trabalharam na casa dela, da Derci, é... a gente via a Derci entrando e saindo [...] eu via a Derci, ela tinha uma mulher, uma namorada que era a Rute. Era muito assim, todo mundo comentava, todo mundo comentava! [...] A namorada dela [...] só tinha uma Biz, e comentavam que era sustentada pela Derci Lourenço que era sapatona, a cidade inteira comentava! A Derci andava bem machona assim tal, que nem um piãozão de sítio, de chegar com aquelas calças toda cheia de barro. Eu olhava aquilo e pensava “Gente, eu acho que eu gosto de mulher, mas também eu não sou assim” (Entrevistada Patrícia, 29 anos).

⁴ “situam na primeira linha da hipervisibilidade” (tradução nossa).

⁵ Os nomes citados daqui em diante são todos fictícios e a nossa pesquisa é acompanhada pelo Comitê de Ética em Pesquisa.

Patrícia também se recorda que quando criança todos, da cidade de menos de 20 mil habitantes, falavam de Paulão, menina negra masculina, neta de um morador antigo:

*[...] Tipo assim, era uma menina negra, bem machinho, cabelo cortado curto assim, camiseta, short, e todo mundo tipo, assim, “Ai a Paula lá do Seu Genor, só vive no meio de moleque”, tipo assim você escutava, e você não escutava só da minha mãe, por exemplo, se a minha mãe conversava com a Dona Ana e com o Seu João, que eram os velhinhos que moravam do lado, aí a Dona Ana: “Ai Lúcia, olha lá a Paula”, [com desaprovação], eu lembro disso, eu lembro da Dona Ana sentada na cadeira de área, minha mãe chegando do serviço e a Dona Ana falando: “Ai a Patrícia é uma menininha tão boazinha, né, Lúcia? Nem vai lá na rua” e minha mãe falava “Ai não, não deixo a Patrícia ficar na rua não [...], não gosto dessas coisas, D. Ana”, aí ela falava: “**Ai, olha a neta do Seu Genor ali brincando com os moleques... até parece moleque**”. Hoje todo mundo chama ela de Paulão, ela é lésbica e [...] a esposa dela tem três filhos (Entrevistada Patrícia, 29 anos).*

Mia se lembra que ao longo da infância e adolescência, o município que cresceu de aproximadamente 4 mil habitantes tentava decifrar Robertão:

*[...] a Robertão... era uma moça que morava lá [na minha cidade] e ela era masculina. Só que ela tinha filho, ela saía com os homens para ter filhos e criava. E aí ela era muito marginalizada, muito marginalizada, ela era negra, masculina e ela era pobre, e ela bebia e batia nas mulheres, batia nos homens. Então era uma coisa que eu não queria ser, por preconceito, por ver que assim, tipo, não era um modelo. **Não era uma coisa que alguém queria ser.** [...] E era uma coisa engraçada [para as pessoas da cidade], todo mundo via e chamava “ei Roberto”. [...] Antes era Roberta, eu lembro da Roberta cabelo batidinho, vestia camisa, a Roberta assim assado. Depois virou Roberto, mas o Roberto tinha filho e meio que confundia quando criança, para mim era muito bizarro (Entrevistada Mia, 27 anos).*

Caroline também se recorda de mulheres lésbicas bastante comentadas em sua cidade de 15 mil habitantes:

*[...] [lembro] de um casal já adulto, que viviam juntas, as mulheres. Uma delas tinha um filho... e uma ajudou a criar o menino até grande assim entendeu? A lésbica mesmo, porque a outra acho que era bi. E assim, era aquele converseiro delas, **falavam muito delas, muito delas, muito delas mesmo!** Tinha também outro **casal também que sofria bastante preconceito** e uma principalmente uma porque ser negra e gorda e a outra por ser pobre.*

É interessante explicar que, quando iniciamos nossa pesquisa de doutoramento, construímos a ideia de trabalhar com mulheres lésbicas que moravam ou viveram boa parte de suas vidas em cidades pequenas, na região de Presidente Prudente (SP) por crermos que nem todos os sujeitos dissidentes estão situados em capitais ou grandes centros, e tal recorte, da lesbofobia em cenários interioranos ainda carecia de estudo e análise. No contato com as participantes era recorrente em seus relatos a ideia de que elas não tinham “nada de interessante” para oferecer a uma pesquisa acadêmica e a recordação dos meninos gays dos tempos de escola e da comunidade era muito rápida, levando algumas a afirmar que não sofriam ou não acreditavam na violência contra a lésbicas, marca típica do discurso que toma a homofobia como sinônimo de preconceito e

discriminação exclusivamente contra homens gays. Entretanto, nos processos de recordar a infância, elas passaram a narrar como algumas “sapatonas” eram destacadas e hipervisíveis – comentadas por todos da cidade – em especial por suas performatizações de gênero na masculinidade. E que a lesbofobia também se tornava mais forte e explícita na vida dessas mulheres, já que todos comentavam, riam, debochavam e as excluíaam.

Outro ponto importante nas histórias de vida abordadas, é a forma lesbofóbica com que as masculinidades lesbianas são aprendidas pelas entrevistadas. Mia e Patrícia, aqui e em outros momentos da narração detalham angústia e rejeição ao “modelo” de lésbica que era mais conhecido em suas cidades, rememoram os episódios que sujeitos da família, vizinhança e da escola marcavam as “sapatonas” e “machonas” como algo grotesco, falido e indesejável.

Durante seu estudo de mestrado, “Entre Mulheres: Estudo etnográfico da constituição de parcerias sexuais e afetivas entre mulheres de camadas medias urbanas” defendido em 2005, Meinerz pontua que também começou a notar a rejeição sofrida pelas mulheres masculinas por parte das lésbicas. Eram empenhadas contra elas desde risadas, piadas e imitações jocosas da masculinidade até o discurso aberto em que pontuavam que não eram iguais aquelas mulheres, pois ser lésbica não implicava em ser menos mulher (MEINERZ, 2011).

Na visão da pesquisadora, embora pareça um discurso que versa sobre o outro, ele opera como um discurso de si, em que o sujeito ao rechaçar àquelas vistas como “imitação de homens” afirma a própria normalidade em relação as expectativas de gênero, e mais, que tais comportamentos desrespeitosos estavam relacionados a um disciplinamento de si, em termos de se tornar normal e também capaz de gerenciar a visibilidade da sua sexualidade (MEINERZ, 2011).

Resultado semelhante é sinalizado na pesquisa portuguesa realizada por Brandão (2015), com dezoito histórias de vidas lesbianas a respeito da negociação entre a vida amorosa secreta e as relações sociais íntimas. A autora expõe que dentre as estratégias empenhadas pelas participantes, para ocultar seus relacionamentos das demais pessoas estavam: não manter amizades e proximidades com mulheres atreladas ao estereótipo “lésbica máscula”, bem como, não se apresentar aos outros com uma estética que se afaste da feminilidade normativa.

Para Brandão (2015) se por um lado as entrevistadas tinham o privilégio de “se passarem” por heterossexuais, por outro experimentavam a angústia da invisibilidade. Ao reconhecerem o poder que possuíam de gerenciar quem podia e quem não podia ter conhecimento dessa parcela de suas vidas, refletiam que isso era possível efetivamente porque fora da masculinidade feminina a

lesbianidade parecia inexistir e esta constatação fazia com que se sentissem desligadas, alheias e deslegitimadas por seus grupos sociais.

Considerações finais

Numa sociedade ainda bastante heteronormativa, saturada de imagens, propagandas e educação sexistas é realmente difícil supor que apenas a existência de desejos dissidentes, muitos mantidos em segredo como nos casos mencionados da pesquisa de Brandão (2015) ou aspirados (no sentido de desejados) em nossa investigação bem como de Meinerz (2011), seja suficiente para desafiar a heterossexualidade presumida (CALHOUN, 1995; EVES, 2004).

É somente na intersecção com o gênero também dissidente (masculinidade feminina) que reside a maior transgressão da lesbianidade, em termos de se fazer visível, presente, concreta, destacada, existente e pensável, na visão da filósofa feminista Cheshire Calhoun (1995, p. 22-23): “O que estou sugerindo é que o desejo pelo mesmo sexo não representa por si só a lésbica e a torna pensável, a sexualidade deve, de alguma forma, levantar para nós a questão da categorização sexo/gênero antes que ela possa efetivamente representar a lésbica” (tradução nossa).

Referências

BRANDÃO, A.M. A gestão do segredo: homo-erotismo feminino e relações familiares e de amizade, **LES Online**, v. 7, n.1, 2015, p. 03-16.

BUTLER, J. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003 [1990].

CALHOUN, C. The Gender Closet: Lesbian Disappearance under the Sign "Women". **Feminist Studies**, Vol. 21, No. 1, Spring, 1995, p. 7-34.

EVES, A. Queer Theory, Butch/Femme. Identities and Lesbian Space. **Sexualities**. Vol. 7(4), 2004, p. 480-496.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. 8 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985 [1976].

HALBERSTAM, J. **Masculinidade Feminina**. Trad. Javier Sáez, Barcelona-Madrid: E. Egales, 2008.

MEINERZ, N. E. **Mulheres e masculinidades:** etnografia sobre afinidades de gênero no contexto de parceiras homoeróticas entre mulheres de grupos populares em Porto Alegre. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

NICHOLSON, L. Interpretando o gênero. **Estudos Feministas**, 8 (2), 2000.

PLATERO, R. L. Lesboerotismo y la masculinidad de las mujeres en la España franquista. **Bagoas**, n. 3, 2009. p. 15-38.

